

# DISPERSÃO

*Mário de Sá-Carneiro*

neolivros.com

Mário de Sá-Carneiro  
**DISPERSÃO**



### **Obra do domínio público**

A Neolivros disponibiliza obras que se encontram no domínio público. De acordo com a legislação vigente em Portugal, e na União Europeia em geral, o direito de autor vence passados 70 anos da data de morte do autor.

*Título:* DISPERSÃO

*Autor:* Mário de Sá-Carneiro

*Editor:* Neolivros | [www.neolivros.com](http://www.neolivros.com)  
[geral@neolivros.com](mailto:geral@neolivros.com)

*Texto original:* Projecto Gutenberg  
<http://www.gutenberg.org>

*Actualização ortográfica:* Neolivros

*Revisão e paginação:* Neolivros

*Ano de edição:* 2010

DISPERSÃO--12 POESIAS  
POR MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO.

EM CASA DO AUTOR:  
1, TRAVESSA DO CARMO--LISBOA  
1914

## **PARTIDA**

Ao ver escoar-se a vida humanamente  
Em suas águas certas, eu hesito,  
E detenho-me às vezes na torrente  
Das coisas geniais em que medito.

Afronta-me um desejo de fugir  
Ao mistério que é meu e me seduz.  
Mas logo me triunfo. A sua luz  
Não há muitos que a saibam reflectir.

A minha alma nostálgica de além,  
Cheia de orgulho, ensombra-se entretanto,  
Aos meus olhos unguados sobe um pranto  
Que tenho a força de sumir também.

Porque eu reajo. A vida, a natureza,  
Que são para o artista? Coisa alguma.  
O que devemos é saltar na bruma,  
Correr no azul à busca da beleza.

É subir, é subir além dos céus  
Que as nossas almas só acumularam,  
E prostrados rezar, em sonho, ao Deus  
Que as nossas mãos de aureola lá douraram.

É partir sem temor contra a montanha  
Cingidos de quimera e de irreal;  
Brandir a espada fulva e medieval,  
A cada hora acastelando em Espanha.

É suscitar cores endoidecidas,  
Ser garra imperial enclavinhada,  
E numa extrema-unção de alma ampliada,  
Viajar outros sentidos, outras vidas.

Ser coluna de fumo, astro perdido,  
Forçar os turbilhões aladamente,  
Ser ramo de palmeira, água nascente  
E arco de ouro e chama distendido...

Asa longínqua a sacudir loucura,  
Nuvem precoce de subtil vapor,  
Ânsia revolta de mistério e olor,  
Sombra, vertigem, ascensão—Altura!

E eu dou-me todo neste fim de tarde  
À espira aérea que me eleva aos cumes.  
Doido de esfinges o horizonte arde,  
Mas fico ileso entre clarões e gumes!...

Miragem roxa de nimbado encanto—  
Sinto os meus olhos a volver-se em espaço!  
Alastro, venço, chego e ultrapasso;  
Sou labirinto, sou licorne e acanto.

Sei a Distância, compreendo o Ar;  
Sou chuva de ouro e sou espasmo de luz;  
Sou taça de cristal lançada ao mar,  
Diadema e timbre, elmo rial e cruz...

.....

.....

O bando das quimeras longe assoma...  
Que apoteose imensa pelos céus!  
A cor já não é cor—é som e aroma!  
Vem-me saudades de ter sido Deus...

\* \* \* \* \*

Ao triunfo maior, avante pois!  
O meu destino é outro—é alto e é raro.  
Unicamente custa muito caro:  
A tristeza de nunca sermos dois...

*Paris—Fevereiro de 1913.*

## ESCAVAÇÃO

Numa ânsia de ter alguma coisa,  
Divago por mim mesmo a procurar,  
Desço-me todo, em vão, sem nada achar,  
E a minh'alma perdida não repousa.

Nada tendo, decido-me a criar:  
Brando a espada: sou luz harmoniosa  
E chama genial que tudo ousa  
Unicamente á força de sonhar...

Mas a vitória fulva esvai-se logo...  
E cinzas, cinzas só, em vez do fogo...  
–Onde existo que não existo em mim?

.....  
.....

Um cemitério falso sem ossadas,  
Noites de amor sem bocas esmagadas–  
Tudo outro espasmo que princípio ou fim...

*Paris 1913–Maio 3.*

## INTER-SONHO

Numa incerta melodia  
Toda a minha alma se esconde.  
Reminiscências de Aonde  
Perturbam-me em nostalgia...

Manhã d'armas! Manhã d'armas!  
Romaria! Romaria!

.....

Tacteio... dobro... resvalo...

.....

Princesas de fantasia  
Desencantam-se das flores...

.....

Que pesadelo tão bom...

.....

Pressinto um grande intervalo,  
Deliro todas as cores,  
Vivo em roxo e morro em som...

*Paris 1913–Maio 6.*

## ÁLCOOL

Guilhotinas, pelouros e castelos  
Resvalam longemente em procissão;  
Volteiam-me crepúsculos amarelos,  
Mordidos, doentios de roxidão.

Batem asas d'aureola aos meus ouvidos,  
Grifam-me sons de cor e de perfumes,  
Ferem-me os olhos turbilhões de gumes,  
Desce-me a alma, sangram-me os sentidos.

Respiro-me no ar que ao longe vem,  
Da luz que me ilumina participo;  
Quero reunir-me, e todo me dissipo—  
Luto, estrebucho... Em vão! Silvo pra além...

Corro em volta de mim sem me encontrar...  
Tudo oscila e se abate como espuma...  
Um disco de ouro surge a voltear...  
Fecho os meus olhos com pavor da bruma...

Que droga foi a que me inoculei?  
Ópio d'inferno em vez de paraíso?...  
Que sortilégio a mim próprio lancei?  
Como é que em dor genial eu me eteriso?

Nem ópio nem morfina. O que me ardeu,  
Foi álcool mais raro e penetrante:  
É só de mim que eu ando delirante—  
Manhã tão forte que me anoiteceu.

*Paris 1913—Maio 4.*

## VONTADE DE DORMIR

Fios d'ouro puxam por mim  
A soerguer-me na poeira–  
Cada um para o seu fim,  
Cada um para o seu norte...

.....

–Ai que saudade da morte...

.....

Quero dormir... ancorar...

.....

Arranquem-me esta grandeza!  
–Pra que me sonha a beleza,  
Se a não posso transmigrar?...

*Paris 1913–Maio 6.*

## **DISPERSÃO**

Perdi-me dentro de mim  
Porque eu era labirinto,  
E hoje, quando me sinto,  
É com saudades de mim.

Passei pela minha vida  
Um astro doido a sonhar.  
Na ânsia de ultrapassar,  
Nem dei pela minha vida...

Para mim é sempre ontem,  
Não tenho amanhã nem hoje:  
O tempo que aos outros foge  
Cai sobre mim feito ontem.

(O Domingo de Paris  
Lembra-me o desaparecido  
Que sentia comovido  
Os Domingos de Paris:

Porque um domingo é família,  
É bem-estar, é singeleza,  
E os que olham a beleza  
Não tem bem-estar nem família).

O pobre moço das ânsias...  
Tu, sim, tu eras alguém!  
E foi por isso também  
Que te abismaste nas ânsias.

A grande ave dourada  
Bateu asas para os céus,  
Mas fechou-as saciada  
Ao ver que ganhava os céus.

Como se chora um amante,  
Assim me choro a mim mesmo:  
Eu fui amante inconstante  
Que se traiu a si mesmo.

Não sinto o espaço que encerro  
Nem as linhas que projecto:  
Se me olho a um espelho, erro—  
Não me acho no que projecto.

Regresso dentro de mim,  
Mas nada me fala, nada!  
Tenho a alma amortalhada,  
Sequinha, dentro de mim.

Não perdi a minha alma,  
Fiquei com ela, perdida.  
Assim eu choro, da vida,  
A morte da minha alma.

Saudosamente recordo  
Uma gentil companheira  
Que na minha vida inteira  
Eu nunca vi... Mas recordo

A sua boca doirada  
E o seu corpo esmaecido,  
Em um hálito perdido  
Que vem na tarde doirada.

(As minhas grandes saudades  
São do que nunca enlacei.  
Ai, como eu tenho saudades  
Dos sonhos que não sonhei!...)

E sinto que a minha morte—  
Minha dispersão total—  
Existe lá longe, ao norte,  
Numa grande capital.

Vejo o meu último dia  
Pintado em rolos de fumo,  
E todo azul-de-agonia  
Em sombra e além me sumo.

Ternura feita saudade,  
Eu beijo as minhas mãos brancas...  
Sou amor e piedade  
Em face dessas mãos brancas...

Tristes mãos longas e lindas  
Que eram feitas pra se dar...  
Ninguém mas quis apertar...  
Tristes mãos longas e lindas...

E tenho pena de mim,  
Pobre menino ideal...  
Que me faltou afinal?  
Um elo? Um rastro?... Ai de mim!...

Desceu-me n'alma o crepúsculo;  
Eu fui alguém que passou.  
Serei, mas já não me sou;  
Não vivo, durmo o crepúsculo.

Álcool dum sono outonal  
Me penetrou vagamente  
A difundir-me dormente  
Em uma bruma outonal.

Perdi a morte e a vida,  
E, louco, não enlouqueço...  
A hora foge vivida,  
Eu sigo-a, mas permaneço...

.....  
.....

Castelos desmantelados,  
Leões alados sem juba...

.....  
.....

*Paris–Maio de 1913.*

## ESTÁTUA FALSA

Só de ouro falso os meus olhos se douram;  
Sou esfinge sem mistério no poente.  
A tristeza das coisas que não foram  
Na minha'alma desceu veladamente.

Na minha dor quebram-se espadas de ânsia,  
Gomos de luz em treva se misturam.  
As sombras que eu dimano não perduram,  
Como Ontem, para mim, Hoje é distância.

Já não estremeço em face do segredo;  
Nada me aloira já, nada me aterra:  
A vida corre sobre mim em guerra,  
E nem sequer um arrepio de medo!

Sou estrela ébria que perdeu os céus,  
Sereia louca que deixou o mar;  
Sou templo prestes a ruir sem deus,  
Estátua falsa ainda erguida ao ar...

*Paris 1913–Maio 5.*

## QUASI

Um pouco mais de sol—eu era brasa,  
Um pouco mais de azul—eu era além.  
Para atingir, faltou-me um golpe d'asa...  
Se ao menos eu permanecesse aquém...

Assombro ou paz? Em vão... Tudo esvaído  
Num baixo mar enganador d'espuma;  
E o grande sonho despertado em bruma,  
O grande sonho—ó dor!—quase vivido...

Quase o amor, quase o triunfo e a chama,  
Quase o princípio e o fim—quase a expansão...  
Mas na minh'alma tudo se derrama...  
Entanto nada foi só ilusão!

De tudo houve um começo... e tudo errou...  
—Ai a dor de ser - quase, dor sem fim...—  
Eu falhei-me entre os mais, falhei em mim,  
Asa que se enlançou mas não voou...

Momentos d'alma que desbaratei...  
Templos aonde nunca pus um altar...  
Rios que perdi sem os levar ao mar...  
Ânsias que foram mas que não fixei...

Se me vagueio, encontro só indícios...  
Ogivas para o sol—vejo-as cerradas;  
E mãos d'herói, sem fé, acobardadas,  
Puseram grades sobre os precipícios...

Num ímpeto difuso de quebranto,  
Tudo encetei e nada possuí...  
Hoje, de mim, só resta o desencanto  
Das coisas que beijei mas não vivi...

.....

.....

Um pouco mais de sol–e fora brasa,  
Um pouco mais de azul–e fora além.  
Para atingir, faltou-me um golpe d'asa...  
Se ao menos eu permanecesse aquém...

*Paris 1913–Maio 13.*

## COMO EU NÃO POSSUO

Olho em volta de mim. Todos possuem—  
Um afecto, um sorriso ou um abraço.  
Só para mim as ânsias se diluem  
E não possuo mesmo quando enlaço.

Roça por mim, em longe, a teoria  
Dos espasmos golfados ruivamente;  
São êxtases da cor que eu fremiria,  
Mas a minh'alma pára e não os sente!

Quero sentir. Não sei... perco-me todo...  
Não posso afeiçoar-me nem ser eu:  
Falta-me egoísmo pra ascender ao céu,  
Falta-me unção pra me afundar no lodo.

Não sou amigo de ninguém. Pra o ser  
Forçoso me era antes possuir  
Quem eu estimasse—ou homem ou mulher,  
E eu não logro nunca possuir!...

Castrado d'alma e sem saber fixar-me,  
Tarde a tarde na minha dor me afundo...  
—Serei um emigrado doutro mundo  
Que nem na minha dor posso encontrar-me?...

\* \* \* \* \*

Como eu desejo a que ali vai na rua,  
Tão ágil, tão agreste, tão de amor...  
Como eu quisera emaranha-la nua,  
Bebê-la em espasmos d' harmonia e cor!...

Desejo errado... Se a tivera um dia,  
Toda sem véus, a carne estilizada  
Sob o meu corpo arfando transbordada,  
Nem mesmo assim—ó ânsia!—eu a teria...

Eu vibraria só agonizante  
Sobre o seu corpo d'êxtases dourados,  
Se fosse aqueles seios transtornados,  
Se fosse aquele sexo aglutinante...

De embate ao meu amor todo me ruo,  
E vejo-me em destroço até vencendo:  
É que eu teria só, sentindo e sendo  
Aquilo que estrebucho e não possuo.

*Paris—Maio 1913.*

## ALÉM-TÉDIO

Nada me expira já, nada me vive—  
Nem a tristeza nem as horas belas.  
De as não ter e de nunca vir a tê-las,  
Fartam-me até as coisas que não tive.

Como eu quisera, enfim d'alma esquecida,  
Dormir em paz num leito d'hospital...  
Cansei dentro de mim, cansei a vida  
De tanto a divagar em luz irreal.

Outrora imaginei escalar os céus  
À força de ambição e nostalgia,  
E doente-de-Novo, fui-me Deus  
No grande rastro fulvo que me ardia.

Parti. Mas logo regressei à dor,  
Pois tudo me ruiu... Tudo era igual:  
A quimera, cingida, era real,  
A própria maravilha tinha cor!

Ecoando-me em silêncio, a noite escura  
Baixou-me assim na queda sem remédio;  
Eu próprio me traguei na profundura,  
Me sequei todo, endureci de tédio.

E só me resta hoje uma alegria:  
É que, de tão iguais e tão vazios,  
Os instantes me esvoam dia a dia  
Cada vez mais velozes, mais esguios...

*Paris 1913—Maio 15.*

## RODOPIO

Volteiam dentro de mim,  
Em rodopio, em novelos,  
Milagres, uivos, castelos,  
Forças de luz, pesadelos,  
Altas torres de marfim.

Ascendem hélices, rastros...  
Mais longe coam-me sóis;  
Há promontórios, faróis,  
Upam-se estátuas d'heróis,  
Ondeiam lanças e mastros.

Zebram-se armadas de cor,  
Singram cortejos de luz,  
Ruem-se braços de cruz,  
E um espelho reproduz,  
Em treva, todo o esplendor...

Cristais retinem de medo,  
Precipitam-se estilhaços,  
Chovem garras, manchas, laços...  
Planos, quebras e espaços  
Vertiginam em segredo.

Luas d'oiro se embebedam,  
Rainhas desfolham lírios;  
Contorcionam-se círios,  
Enclavinham-se delírios.  
Listas de som enveredam...

Virgulam-se aspas em vozes,  
Letras de fogo e punhais;  
Há missas e bacanaís,  
Execuções capitais,  
Regressos, apoteoses.

Silvam madeixas ondeantes,  
Pungem lábios esmagados,  
Há corpos emaranhados,  
Seios mordidos, golfados,  
Sexos mortos d'anseantes...

(Há incenso de sponsais,  
Há mãos brancas e sagradas,  
Há velhas cartas rasgadas,  
Há pobres coisas guardadas—  
Um lenço, fitas, dedais...)

Há elmos, troféus, mortalhas,  
Emanações fugidias,  
Referências, nostalgias,  
Ruínas de melodias,  
Vertigens, erros e falhas.

Há vislumbres de não-ser,  
Rangem, de vago, neblinas;  
Fulcram-se poços e minas,  
Meandros, pauis, ravinás  
Que não ousou percorrer...

Há vácuos, há bolhas d'ar,  
Perfumes de longes ilhas,  
Amarras, lemes e quilhas—  
Tantas, tantas maravilhas  
Que se não podem sonhar!...

*Paris—Maio 1913.*

## A QUEDA

E eu que sou o rei de toda esta incoerência,  
Eu próprio turbilhão, anseio por fixá-la  
E giro até partir... Mas tudo me resvala  
Em bruma e sonolência.

Se acaso em minhas mãos fica um pedaço d'ouro,  
Volve-se logo falso... ao longe o arremesso...  
Eu morro de desdém em frente dum tesouro,  
Morro à mingua, de excesso.

Alteio-me na cor à força de quebranto,  
Estendo os braços d'alma—e nem um espasmo venço!...  
Peneiro-me na sombra—em nada me condenso...  
Agonias de luz eu vibro ainda entanto.

Não me pude vencer, mas posso-me esmagar,  
—Vencer às vezes é o mesmo que tombar—  
E como inda sou luz, num grande retrocesso,  
Em raivas ideais, ascendo até ao fim:  
Olho do alto o gelo, ao gelo me arremesso...

.....

Tombei...

E fico só esmagado sobre mim!...

*Paris 1913—Maio 8.*

Mário de SÁ-CARNEIRO.

ACABADO DE IMPRIMIR

PARA O AUTOR

NOS PRELOS DA TIPOGRAFIA DO COMERCIO

AOS 26 DE NOVEMBRO DE 1913